

**ENTREVISTA**

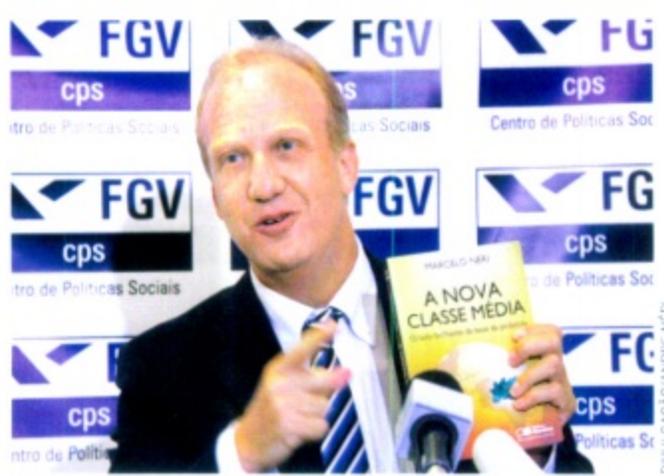
## **Desigualdade social em queda valoriza a imagem do País**

Para o economista Marcelo Néri, mais do que o desenvolvimento econômico, é a redução da pobreza em ritmo acelerado que confere credibilidade à imagem do Brasil internacionalmente. **Págs. 6 e 7**



DIVULGAÇÃO: GRAYAN DORNELLES

"Os indicadores estão na contramão da nossa história e também do mundo", afirma Néri



**entrevista**

6

## **Marcelo Néri – coordenador de pesquisas do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas**

“O brasileiro médio vive um momento especial e quem está na elite deve ter mais sensibilidade para isso”.

# “O Brasil é o caminho do meio”

Ele tem viajado o mundo inteiro, levando suas pesquisas e ideias que traçam um retrato do Brasil mais colorido, com menos desigualdade social e mais oportunidades para todos. À frente do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Néri usa números e projeções para traçar um novo perfil do consumidor brasileiro. Ele foi o primeiro economista a comprovar o impacto da estabilidade econômica na redução da pobreza, em 1996, dois anos após a implantação do Real. No ano 2000, Néri descobria que a expansão do acesso à educação era mais importante que o aumento do salário mínimo para o crescimento da renda. Em 2002, constatava que a desigualdade social por aqui diminuía, na contramão dos demais países do Brics (Rússia, China, Índia e África do Sul). Este ano, o pesquisador já chegou a duas importantes descobertas: o Brasil conseguiu o recorde histórico de redução da pobreza (7,9% em 2011) e mantém a liderança como tetracampeão no ranking mundial no Índice de Felicidade Futura, à frente de países como Finlândia e Dinamarca.

Por ROSAYNE MACEDO

**Meio & Mensagem — Como as mudanças sociais e econômicas verificadas nos últimos anos impactam na construção da nova imagem do Brasil para o mundo?**

**Marcelo Néri —** A parte econômica ajuda, mas o que dá credibilidade, selo de qualidade ao País, é a marca social e ambiental. Ter aqui um crescimento inclusivo, mas sustentável, é a busca percebida pelas pessoas. Esse é o norte.

**M&M — E o perfil de consumo desse novo brasileiro que surge a reboque de tantos indicadores positivos?**

**Néri** — O Brasil está chegando aonde nunca chegou antes. O brasileiro está experimentando voar de avião. E o primeiro voo você nunca esquece, assim como o primeiro carro, a casa própria... O brasileiro médio vive um momento especial e quem está na elite deve ter mais sensibilidade para isso. Passar de R\$ 1 mil para R\$ 2 mil, dobrar de renda, é uma revolução. O brasileiro está subindo de baixo, é quem percebe melhor o crescimento do País e isso se traduz mais em felicidade do que se já tivesse conquistado um padrão mais alto de vida anteriormente. O Brasil é um país que sobe e o Rio de Janeiro é um lugar que caiu muito e está voltando a conquistar seu lugar.

**M&M — Como avalia o modo que o Brasil era visto na mídia internacional, como está sendo visto hoje e como deverá ser visto após 2016?**

**Néri** — O Brasil já é visto há muito tempo como país interessante, exótico, que

fala ao imaginário das pessoas, mas não era visto como um país operacional, um lugar realmente sério — como já dizia Charles de Gaulle (*alusão a uma frase do general e ex-presidente francês, a quem é atribuída a afirmação "O Brasil não é um país sério"*). Hoje o Brasil continua sendo visto como interessante, exótico, mas passou a ser visto como um país que dá mais certo. As coisas aqui estão dando certo, seguindo certa moderação. Caracas não é aqui. O Brasil respeita os contratos, mas com política social ativa, um grande trunfo em relação a outros países como China e Índia. O brasileiro tem soft power, é um povo gostado, essa é a nossa força. E sediar esses dois eventos internacionais (Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016) é uma prova disso. Os grandes eventos ajudam a alavancar esse papel.

**M&M — E o Rio de Janeiro, sede de grandes eventos como a Rio+20, a final da Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016?**

**Néri** — O Rio é a imagem desse Brasil lá fora. A cidade passava por um processo de decadência forte nos últimos 50 anos e hoje cresce duas vezes mais que as demais metrópoles do País. É o soft power do soft power, ganha mais funcionalidade, talvez. O Rio sempre se destacou na construção de políticas públicas, agora pensa mais em políticas locais, desenho do programa complementar ao plano Bolsa Família, do governo federal. As pessoas olham mais o carioca, olham mais o Brasil.

**M&M — Se tivesse de fazer um briefing para um publicitário que não conhece o Brasil, como descreveria esse novo país?**

**Néri —** O Brasil é o caminho do meio, nossa marca é a moderação, a forma intermediária de olhar a economia, o olhar para o ambiental. Não temos quantidade de crescimento, que aqui é muito menor que o da China, mas a qualidade do crescimento é melhor. Lá é menos desigual, mas está aumentando a desigualdade. Aqui é mais desigual, mas esta desigualdade está caindo. É um país mais democrático, mais transparente.

**M&M — Qual é a imagem que o brasileiro tem de si mesmo e a imagem que gostaria de ver projetada para o mundo, antes e depois dos grandes eventos como Copa e Olimpíada?**

**Néri —** Pelo que as nossas pesquisas mostram, o brasileiro é um ser otimista em relação ao futuro. Numa escala de 0 a 10, atingiu o nível mais alto de todos, entre 154 países pesquisados. O mundo é atraído pela figura do brasileiro, visto como alguém dócil, não o *hommus economicus*. Talvez nós sejamos muito otimistas, muito individualistas. Acho que o brasileiro quer se ver mais bem-sucedido e os grandes eventos são uma grande oportunidade de fazer boas coisas. Mas é preciso tomar cuidado. A responsabilidade é grande. É necessário fazer bem o dever de casa, ficar um pouco mais preocupado, mais pessimista. Detestaria viver num país pessimista, mas uma certa dose de pessimismo pode ajudar a contingenciar melhor os recursos. Penso que o

brasileiro deve “baixar a bola” e ser mais coletivo, passar a bola para o outro, não querer fazer o gol sozinho. Nossos grandes problemas são coletivos: inflação, desigualdade, informalidade, criminalidade... Melhoramos muito nesses últimos anos, mas ainda há outros problemas por atacar. O brasileiro não é afeito a poupança, não é previdente. Sempre acha que Deus é brasileiro.

**M&M — E o carioca, que durante anos teve sua autoestima abalada pelo esvaziamento econômico da cidade, como quer ser visto?**

**Néri —** Como um povo alegre, que sabe fazer grandes festas, carnaval, réveillon e grandes eventos, como a Copa e a Olimpíada. Os problemas coletivos a que nos referimos anteriormente são mais fortes no Rio. Mas isso está mudando. O Rio está começando a dar choque de ordem, experimentando um choque de progresso. E o carioca é um brasileiro mais otimista que os do restante do País.

**M&M — O índice de pobreza caiu 7,9% em 2011, mas ainda somos contados entre os países mais desiguais do mundo. Por que ainda temos tantos indicadores negativos?**

**Néri —** O segredo para entender o Brasil é separar a fotografia do filme. A foto ainda é muito ruim, mas é menos ruim do que já foi. Um exemplo é a redução da desigualdade: a metade mais pobre do País cresceu 580%, ou seja, a taxa de crescimento da metade mais pobre é maior do que a dos 10% mais ricos. Os indicadores estão na contramão da



DIVULGAÇÃO/DRAVAN DORNELLES

## MARCELO NÉRI

Bacharel e mestre em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e PhD em Economia pela Universidade de Princeton. É coordenador da equipe de pesquisadores do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, onde atua como professor de doutorado, mestrado e graduação. É autor dos livros *Microcrédito, o Mistério Nordestino* e *A Nova Classe Média – o Lado Brilhante da Pirâmide*

nossa história e também do mundo. Em dois terços dos países, a desigualdade aumentou e aqui está caindo. Estamos avançando rapidamente em várias frentes e temos oportunidade de dar saltos. Ainda temos problemas muito sérios, remanescentes de muitos anos, que precisam ser equacionados. Tenho otimismo condicionado — se o Brasil fizer a coisa certa, a gente pode dar certo. A desigualdade é muito alta, mas pode cair bastante, e é isso que ajuda a explicar a situação — é mais a redução da desigualdade que a pobreza em si.

**M&M — Como governo, iniciativa privada e cidadãos podem contribuir para erradicar a miséria?**

**Néri** — Erradicar a miséria é uma utopia. O Brasil não vai chegar lá, mas é importante essa busca saudável e utópica de acabar com a miséria. Isso não vai acontecer nem aqui nem em nenhum lugar do mundo. Pensar em erradicação da miséria é ambicioso demais. Já reduzimos à metade entre 2003 e 2008 e podemos continuar assim, mas não chegaremos a 100%, o que me deixa triste.

**M&M — O que o Brasil tem que os outros países do Bric não têm?**

**Néri** — Aqui há queda na desigualdade de boa qualidade, não é queda do crescimento que atrapalhe o desenvolvimento. O Brasil segue o caminho do meio, onde tem crescimento com boa

evolução, com redução da desigualdade. Essa é uma combinação que tem dado certo por muitos anos consecutivos. Já são 12 anos de redução da desigualdade e oito anos de crescimento econômico. É uma receita sustentável, que foge do padrão prévio.

**M&M — Como avalia as ações do governo federal para redução das desigualdades?**

**Néri** — Como toda democracia, em época de eleição ou fora dela, existe marketing político-eleitoral, mas noto que o governo tem apostado suas fichas em escolhas efetivas de políticas públicas sociais. A presidente Dilma Rousseff renova a opção preferencial pela pobreza e pelas crianças, fruto talvez do seu instinto materno. Mas o fato é que o governo está pensando no futuro, com várias ações. Isso é real e já vinha sendo feito antes mesmo do presidente Lula. Um exemplo positivo é o Bolsa Família. No entanto, o governo tem exagerado em outras políticas não tão boas e custosas, como o aumento exagerado do salário mínimo. A regra de aumento do mínimo vai explodir as contas públicas em longo prazo, sem conseguir produzir um impacto forte na diminuição da pobreza. Temos uma bomba relógio de efeito retardado, que explode dois anos depois. O reajuste como é feito não tem muita lógica. E a única certeza que temos é que não vai funcionar. Essa regra, segundo a presidente, só vai até 2014. Apesar de estar muito forte no

“Em dois terços dos países a desigualdade aumentou e aqui está caindo. Estamos avançando rapidamente em várias frentes e temos oportunidade de dar saltos. A desigualdade é muito alta, mas pode cair bastante. Se o Brasil fizer a coisa certa, a gente pode dar certo.”

imaginário brasileiro, esta política provoca efeitos inversos no mercado de trabalho e no aumento da informalidade.

**M&M — Qual sua análise sobre os programas sociais lançados nos últimos anos e os que estão em andamento, que têm ajudado a erradicar a miséria e aumentar o poder de compra?**

**Néri —** Tenho participado de programas complementares e defendo o novo federalismo social, onde três níveis de governo atuam integrados, com cadastros únicos, objetivos comuns, se complementando entre si. Esta é outra característica do Rio, a união dos três níveis de governo: a Família Carioca, da prefeitura, o Renda Melhor, do estado, e o Bolsa Família, do governo federal, são um exemplo. Este alinhamento de políticas sociais impacta positivamente o poder de compra da população em curto e longo prazo.

**M&M — O que realmente gera valor para essa nova classe média hoje, depois do 'boom'**

**do consumo vivido nos últimos anos? Afinal, o que desejam esses consumidores?**

**Néri —** Continuar a subir na vida. E para isso eles precisam de serviços: educação regular e técnica, crédito produtivo, ajuda nos negócios, acesso a políticas públicas de melhor qualidade no setor privado. Escola particular, plano de saúde e previdência privada são sonhos de consumo dessa nova classe média. E é por isso que acredito nela no futuro: sua intenção é produzir e continuar consumindo de maneira sustentável. Mas é preciso que se ajustem as necessidades ao histórico dessas pessoas que vêm de baixo, não sabem o que é check-in num aeroporto e têm dificuldades ao fazer um curso técnico por conta de problemas na educação fundamental. É preciso enxergar essa classe e seus desafios. A nova classe média é o lado brilhante dos pobres, que tem planos de subir na vida pela educação e pelo trabalho, que tem cada vez menos filhos. E isso não está sendo enxergado na proporção em que deveria.

